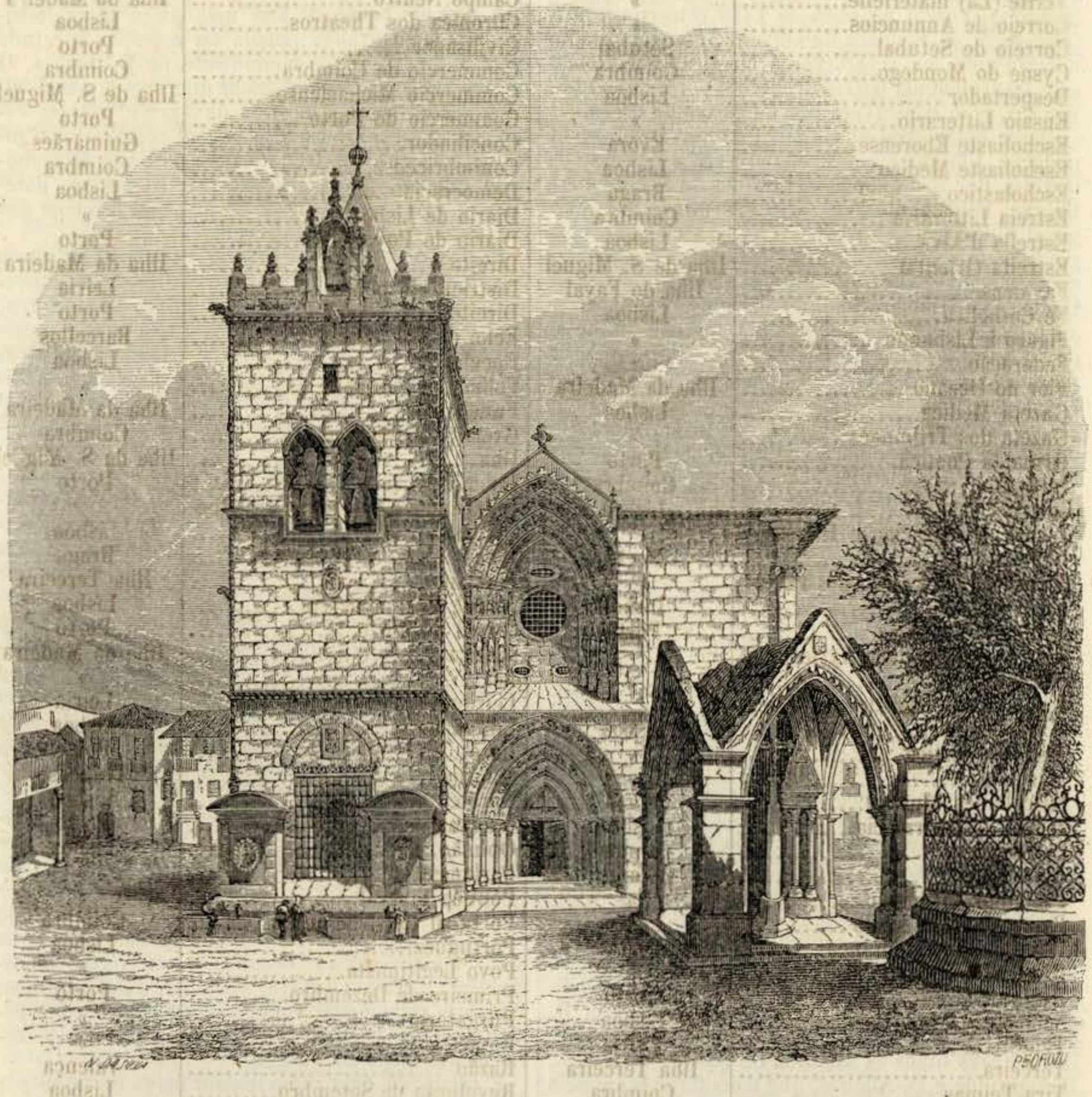


A egreja de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Este sanctuario é sem duvida o mais celebre do nosso paiz. Pelo menos nenhum outro reune tantas condições de celebridade. Origem antiquissima; uma lenda maravilhosa; uma santa imagem, cujos milagres foram apregoados por muitas gerações; honrada memoria do fundador da monarchia; gloriosos padrões de um dos maiores feitos dos nossos antepassados, e de uma das mais notaveis epochas da historia de Portugal — taes são essas condições.

Correndo o anno de 927, a condessa D. Mumadona, tia de D. Ramiro II, rei de Leão, tendo enviuvado do conde D. Hermenegildo, resolveu edificar um mosteiro onde se recolhesse.

Obtidas as licenças precisas, deu principio á fundação em uma quinta que possuia na provincia do Minho, a pouca distancia do rio Ave, e proximo do ribeiro Celho. Chamava-se a quinta de *Vimarães*. Mais acima ficava uma pequena aldeia do mesmo nome.

Concluido o mosteiro, foi dedicado á Virgem Maria, e habitado por frades e freiras, com as devidas separações, sendo unicamente commum a egreja.

Recolheu-se logo D. Mumadona ao seu mosteiro, que em breve foi attrahindo em volta de si, pelas liberalidades da fundadora, os pobres moradores da visinha aldeia.

Passado algum tempo, querendo a condessa prevenir-se contra qualquer invasão de moiros, mandou construir uma fortaleza torreada, sobre uma pequena eminencia perto do mosteiro, no sitio da antiga aldeia de Vimarães.

Eis-aqui a origem do sanctuario de Nossa Senhora da Oliveira, da villa, hoje cidade, de Guimarães, e do famoso castello onde estabeleceram a sua corte o conde D. Henrique e sua esposa, a rainha D. Theresa, e onde nasceu o fundador da monarchia, o invicto rei D. Affonso Henriques.

O conde D. Henrique alcançou do papa a extincção do mosteiro, e a erecção da sua egreja em collegiada com dom prior e conegos, á qual deu as

honras de capella real. E D. Affonso Henriques ainda lhe obteve novas prerogativas, com que ficou quasi uma sé.

Até este tempo não tinha denominação particular a imagem de Nossa Senhora, que era o orago d'aquella egreja. Porém no anno de 1380 começou a intitular-se Nossa Senhora da Oliveira, em memoria do milagre que fez reverdecer a oliveira, que, tendo sido transplantada para defronte da porta da egreja, seccára, e se conservára por longo tempo sêcca.

Desde então cresceu em fama de milagres a santa imagem. Um raminho da oliveira era o condão milagroso. Por isso quando os destinos de Portugal estiveram dependentes da sorte das armas nos campos d'Aljubarrota, o mestre d'Aviz, acclamado pelo povo defensor do reino, e pelas cortes de Coimbra rei, encommendou-se cheio de devoção a Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, fazendo voto solemne de ir a pé em romaria ao seu templo, e d'ahi fazer-se pesar a prata para lh'a offerecer em alfaias e vasos sagrados, se lhe concedesse a victoria contra os inimigos da patria.

Conseguiu D. João I o que desejava. Não mencionam os nossos annaes victoria mais gloriosa que a batalha d'Aljubarrota, pela desproporção dos vencedores para com os vencidos; nem mais decisiva e auspiciosa, porque assegurou a independencia de Portugal, e consolidou a nova dynastia, que tanto honrou e engrandeceu esta terra.

D. João I cumpriu á risca o seu voto, e fez mais. Offereceu a Nossa Senhora da Oliveira o precioso oratorio de prata, e doze anjos do mesmo metal, que haviam pertencido a D. João I de Castella, e que foram tomados com toda a sua recamara n'aquella memoravel batalha. E depois, não contente de fundar em honra da Virgem, e tambem em agradecimento e cumprimento de outro voto pelo triumpho alcançado, o sumptuoso mosteiro da Batalha, determinou que um novo e mais grandioso templo substituisse a egreja fundada pela condessa Mumadona, que ainda existia carregada de annos, e ameaçando ruina.

Começou-se a reedificação no anno de 1387, e aos 23 de janeiro de 1400 sagrou a capella-mór o bispo de Coimbra D. João; assistindo a esta solemnidade D. João Manrique, arcebispo de Santiago de Galliza, D. Rodrigo, bispo de Ciudad Real, el-rei D. João I, a rainha D. Filippa de Lencastre, sua mulher, e seus filhos os infantes D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique e D. Affonso, que mais tarde foi creado conde de Barcellos, e depois I duque de Bragança. No anno seguinte foi sagrado o corpo da egreja.

Este templo era muito inferior ao da Batalha, e conta-se que o architecto, João Garcia, primeiro caíra no desagrado del-rei por não ter satisfeito ao que o soberano lhe encommendára. Comtudo algumas partes se viam no edificio de muita riqueza e primor, como eram o grande espelho da frontaria e as janellas da egreja, principalmente as vidraças, que mostravam em excellentes pinturas muitas e variadas imagens, e em todas o escudo das armas de D. João I e o da rainha sua esposa.

Conservou-se toda esta fabrica até ao anno de 1670 em que o principe D. Pedro, então regente, e pouco mais tarde rei, fez demolir a capella-mór por estar damnificada, e ser acanhada, mandando construir a actual. E em nossos tempos, ha dezoito annos, querendo os conegos aformosear com modernices a velha egreja de D. João I, rasgaram-lhe as ogivas das naves em arcos mais elevados, de volta redonda; mascararam com estuques e doirados as suas venerandas e gothicas feições; apagaram, em fim, com vandalica profanação, tudo quanto no interior do templo recordava o nome illustre do fundador, e o grande feito que deu origem a esta segunda fundação!

Está situada a real collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em uma praça não muito espaçosa, mas que deixa o templo bem desaffrontado.

A fachada principal tem uma unica porta, e sobre ella uma grande janella ou espelho; e é tudo quanto lhe resta do monumento de D. João I. O mesmo desacerto e mau gosto que presidiram á ultima reconstrucção interior da egreja, vieram estampar-se na frontaria. No cunhal pozeram uma pilastra com seu capitel jonico; e no logar do arrendado espelho, que provavelmente se acharia deteriorado, levantaram parede de pedraria lisa com uns mesquinhos oculos envidraçados.

Pois aquella janella merecia bem, não só que a não deturpassem com remendos de moderna e prosaica architectura, mas que se fizesse um esforço, um sacrificio até, para que fosse restaurada, restituindo-lhe toda a sua graça e belleza primitiva. É tão formosa, e de tão elegante e delicado artificio, que, se estivera no mosteiro da Batalha, ahi mesmo, n'esse museu de primores d'arte, avultaria e sobresairia.

É formada esta janella por varios arcos ogivaes, que se vão abrindo no grosso da parede, sempre diminuindo de altura e largura. Os arcos são guarnecidos de estatuas de santos de vulto inteiro, postas sobre peanhas de brincados feitios, e cobertas por baldaquinos rendilhados. Fazem divisão a estes arcos, festões vasados de flores e fructos, com tanto esmero esculpidos, que mais parecem uma renda subtil, que lavores em pedra. Até aqui nos auxiliou a nossa memoria, porém talvez ainda falte alguma coisa para se poder fazer uma idéa justa d'esta obra singular. Infelizmente, quer nas estatuas, quer nas rendas, revelam-se a acção destruidora do tempo, e o desleixo dos homens.

A torre dos sinos, que se ergue ao lado do frontispicio do templo, resaltando d'elle, não é a que mandou fazer o mestre d'Aviz. Esta foi demolida em 1515, e no seu logar deu começo á actual o doutor Pedro Esteves Cogominho, ouvidor das terras do duque de Bragança. Fallecendo, porém, quando as obras apenas tinham chegado a um terço, continuou-as, e acabou a torre, seu filho, o doutor Diogo Pinheiro, commendatario de diversos mosteiros, prelado de Thomar, dom prior de Guimarães, e posteriormente bispo do Funchal.

É occupado todo o pavimento baixo da torre por uma capella com porta para a egreja, e outra para a praça, ornada de columnas e mais diversidade de enfeites, vedada com uma grade de ferro.

Encostado á torre, por toda a sua frente, está um chafariz com grande tanque. Por cima d'elle, e aos lados da porta da capella, avultam o escudo d'armas de D. João I, e o brazão de Guimarães, que se compõe da imagem da Virgem Maria e de uma oliveira. Sobre a porta está o brazão dos Cogominhos.

No meio da capella vêem-se os mausoleos do fundador, Pedro Esteves Cogominho, e de sua mulher Isabel Pinheiro. Estão unidos, e são de pedra toda lavrada em flores, arabescos, e outras differentes invenções. Sobre as tampas estão deitadas as estatuas dos dois conjuges, trajados de gala ao uso da epocha, circunstancia pouco commum em o nosso paiz, e muito apreciavel para a historia dos costumes. Uma grade de ferro alta cérca os dois tumulos. Junto da cabeceira d'estes levanta-se um altar de pedra, com a imagem do crucificado entre as de Nossa Senhora e de S. João Evangelista.

Ao lado da porta principal da egreja, á direita de quem entra, está uma lapida embebida na parede com as armas de D. João I, que mostram terem sido

illuminadas e doiradas. Seguram no escudo real dois anjos, e um terceiro, sustentando a corôa, serve de timbre. Por baixo lê-se a seguinte inscripção: *Era de* MCCCCXXV *annos 6 do mez de Maio foy começada esta obra por mandado del-Rey Dom João dado pela graça de Deos a este Reyno de Portugal: este Rey Dom João houve batalha real com El-Rey Dom João de Castella nos campos d'Aljubarrota, e foy della vencedor, e á honra da victoria, que lhe deu Santa Maria, mandou fazer esta obra por João Garcia, mestre de pedraria.*

A data de 1425, que se lê n'esta inscripção, é a era de Cesar, que corresponde ao anno de 1387 da era de Christo.

Entremos, em fim, na egreja. Se desviarmos todas as idéas do monumento gothico, parecer-nos-ha o templo bello, elegante, e bem decorado. Apesar dos estuques que o cobrem todo, póde todavia acrescentar-se a estes epithetos os de rico e magestoso, pela profusão do oiro que lhe brilha desde a base das paredes até á maior altura das abobadas das suas tres naves. Varias janellas e uma esbelta cupula derramam abundante luz por toda a egreja, que é espaçosa e bem proporcionada.

Posto que os olhos se enlevem na perspectiva geral do templo, não encontrarão certamente obra d'arte que mereça exame e descripção, a não serem os quadros que formam os retabulos dos oitô altares do corpo da egreja, os quaes foram pintados em Lisboa, ha uns treze annos, pelo sr. Joaquim Raphael, lente de pintura da nossa academia de Bellas Artes.

Antes porém de passarmos á capella-mór, temos de mencionar uma antigualha de subido valor historico. É nada menos que a pia onde o vencedor d'Ourique recebeu as aguas do baptismo das mãos de S. Giraldo, arcebispo de Braga. Esta pia é de granito, toscamente affeiçoada, e sem ornato algum. Se a memoria nos não falha, occultaram-lhe com doiraduras algumas partes do granito, que sete seculos e meio tem ennegrecido. Julgaram que acrescentariam riqueza de oiro ao que por sua valia tira todo o valor ao oiro!

A pia está mettida em um nicho, aberto na grossura da parede, e fechado com grades de ferro. Diz ahi um letreiro. *Nesta pia foi bautisado ElRei D. Affonso Henriques pelo Arcebispo de Braga S. Giraldo.* Em outro letreiro lê-se: *Esta obra mandou fazer Dom Diogo Lobo da Sylveira, indigno Prior d'esta egreja, no anno do Senhor de* 1664.

Suppomos ser este o anno em que a pia foi trasladada, para este templo, da gothica e humilde egreja de S. Miguel, que serviu de parochia á antiga aldeia de Vimarães, depois de capella real ao conde D. Henrique e á rainha D. Theresa, e que ainda lá se conserva de pé, proximo do castello, apesar das injurias de nove seculos.

O que ha mais digno de menção na capella-mór da collegiada, é a imagem de Nossa Senhora da Oliveira, que tem realmente muita antiguidade, ainda que se não acceite a que a lenda lhe attribue.

Segundo esta refere, foi o apostolo S. Thiago que a trouxe a Guimarães, collocando-a n'um templo gentilico que ahi havia, dedicado a Ceres, o qual o dito apostolo purificou e consagrou á Virgem. Pretendem alguns antiquarios, que a egreja parochial de S. Paio de Guimarães, occupa o logar do antigo templo de Ceres. Termina a lenda dizendo que a condessa Mumadona levára depois a sagrada imagem para o seu mosteiro.

É de roca esta senhora, e tem riquissimos vestidos, e muitas e preciosas joias e adereços. A grande corôa, com que se adorna nos dias de festa, e que pesa bastantes marcos, é de oiro maciço, e cravejada de diamantes. N'essas occasiões tambem se enfeita, além de outros ornatos, com um grande peitoril todo de pedras finas, e com a chamada *meada de Nossa Senhora*, que consiste em numerosos e compridos cordões de oiro, em fórma de meada, tão pesada, que quasi custa a sustentar com uma só mão, a qual usa em volta da cintura, caindo o resto pela frente dos vestidos até aos pés. A imagem tem muito mais de um metro de altura.

Na sacristia guarda-se o magnifico thesoiro de que por vezes temos fallado n'este jornal descrevendo algumas das suas alfaias. Esperâmos occasião mais opportuna para tratar novamente de tão curioso objecto. [1]

Por detraz da capella-mór está o velho claustro com varios tumulos antigos. Contiguo ao claustro fica o palacio dos priores, com seu pateo e porta para a rua de Santa Maria. O edificio nada tem de notavel. É pequeno e irregular. Todavia tem o interesse historico de ter servido de habitação a el-rei D. João I.

Esta *real e insigne collegiada*, com o seu dom prior e mais dignidades, logrou muitas preeminencias, regalias, e avultados rendimentos. Tudo isto porém lhe tem cerceado a inconstancia dos tempos e das coisas politicas.

A dignidade de dom prior de Guimarães tem sido exercida por muitos individuos das principaes familias de Portugal; e ainda hoje é mui considerada na jerarchia ecclesiastica. No catalogo d'estes prelados figuram dois principes da casa de Bragança, D. Fulgencio, filho do duque D. Jaime, e D. Alexandre, filho do duque D. João I.

Resta-nos fallar dos dois monumentos que se erguem na praça defronte do templo de Nossa Senhora da Oliveira. O que fica mais perto do adro é denominado o *padrão*, e teve por fundador a el-rei D. Affonso IV. É um cruzeiro coberto de abobada de pedra, que se sustenta em quatro arcos, que a seu turno se firmam em delgadas columnas e nos grossos pilares que formam os quatro angulos exteriores. Junto ao vertice de cada um dos arcos estão os escudos d'armas del-rei D. Affonso IV.

No meio do padrão, debaixo da abobada, admira-se um lindo cruzeiro de pedra, no gosto gothico, com as imagens de vulto de Christo crucificado, de Nossa Senhora, de S. João Evangelista, de S. Damaso, papa, filho de Guimarães, de S. Torcato, arcebispo de Braga, de Nossa Senhora do Rosario, de S. Filippe, apostolo, e de S. Gualter.

Na hastea da cruz está uma lamina de bronze com a inscripção que segue:

A onra d Deus e d Scã Maria, e por esta Villa mais onrada ser e o Poboo, fez fazer esta obra Pero Steves de Guimarães, mercador em Lisboa, filho de Estevão Gcia, e de Mta Pez na EMCCCLXXX *annos* VIII *dias de setembro.*

M. L. R. O. F. E. X.

Debaixo da mesma abobada, encostado ao arco fronteiro á egreja, está um altar com uma imagem de Nossa Senhora da Victoria, em commemoração da batalha de Aljubarrota.

Conforme um documento contemporaneo, aquelle cruzeiro foi feito na Normandia, transportado e collocado alli por Pero Esteves.

Proximo do padrão vê-se a oliveira de Nossa Senhora cercada de grades de ferro, as quaes assentam sobre um soco com dois degraus.

A oliveira da lenda ha muito que não existe. A actual é uma arvore nova.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 5, 41, 137 e 216 d'este volume.

EXERCITO PERSA

Com o retrato do soberano da Persia, démos a pag. 133 do I vol. uma breve noticia d'este reino, e das guerras que tem sustentado contra os seus visinhos, principalmente contra a Russia, a Turquia e a Inglaterra.

Juntâmos-lhe hoje o desenho do uniforme e armamento das suas tropas, que são aguerridas e bem disciplinadas, como já o eram no tempo em que Affonso de Albuquerque conquistou para os reis de Portugal o titulo de «senhores do commercio da Ethiopia, Arabia e Persia».

O nosso annalista da India, João de Barros, fallando na dec. II. liv. 2. cap. 4. da grandeza dos persas, diz:

«E esta gente tão politica em sciencia, armas, governo, costumes e trajo, que não achava Xenephonte reis mais illustres, nem povo mais nobre, com que por seu exemplo podesse doutrinar aos seus gregos na Cyropedia que escreveu. E posto que ao presente, em alguma maneira, esteja barbarisada esta gente persia, com a entrada dos arabios n'aquellas regiões, ainda são grandes e magnificos n'estas coisas, que todo o seu serviço é oiro, prata, perolas, pedraria e sedas; e tanto d'isto, que se podem haver por prodigos e mimosos no modo de se tratar, porque as alcatifas de oiro e seda dos seus estrados podem servir de riquissimos doceis da cabeça de alguns reis e principes da nossa Europa».

CHIQUINHO

(IMITAÇÃO DE UM ROMANCE DE CARLOS DESLYS)

(Vid. pag. 338)

Passou-se mais de uma semana sem que a febre a deixasse, e sem que ella podesse completamente recobrar a razão.

Mas já não parecia a mesma, aquella doce innocente! A sua bella confiança de outr'ora, á sua serenidade ingenua, succedia subitamente uma sombria apprehensão, um triste e continuo terror do futuro. Tanto se mostrára credula, tão desconfiada era agora! E já se lia no seu olhar esta pesada idéa: — Escondem-me a verdade! — Tomou em fim a resolução de fazer perguntas aos seus parentes, e disse a si propria com uma vontade energica: — Quero conhecer a minha sorte, seja ella qual for!

Era á noite. Toda a gente se achava reunida no terraço. Ella principiou francamente a conversação, declarando que bem conhecia estar condemnada; mas cada um conservou toda a prudencia precisa, e fingiu pasmar de similhante lembrança. Debalde deu ella ares de indifferente; debalde tambem chorou depois, supplicou, insistiu, armando mil laços a todas as affeições que se lhe agruparam em redor; ninguem se deixou vencer, nem lhe permittiu adivinhar as lagrimas que heroicamente se resguardavam no coração. Todavia, ella olhava ainda mais para os olhos das pessoas, do que prestava attenção ao que ellas diziam.

— Tu nunca estiveste seriamente doente, respondeu-lhe sua mãe. Isso é apenas fraqueza, irritação, simples febre de accesso. Ahi tens os resultados de querer crescer depressa!

E tinha a coragem de sorrir.

— Ah! respondia a donzella, cada vez scismando mais.

— Não estejas a emprehender n'isso! acrescentava o pae. Dentro de um mez levar-te-hemos para casa, já boa, saudavel e alegre. Has de correr, como ha dois annos, nos teus queridos pomares de Giraldes.

— Promette?

— Prometto.

— D'essa fórma, já não tem susto pela minha saude?

— Nenhum.

— E estão contentes, felizes?

— Perfeitamente felizes e contentes!

— Ah!

Houve um silencio, durante o qual, Aquelle que tudo ouve, de certo ouviu bater todos os corações.

Depois, de repente, e como que perfeitamente socegada a esse respeito, a donzella sorriu tambem, mas com singular expressão de semblante.

O seu olhar acabava de encontrar Chiquinho, e, reanimada por uma inspiração, dizia a si propria:

— Este ainda é criança, e quando estivermos sósinhos obrigal-o-hei a fallar!

Pobre Chiquinho! Dolorosas experiencias tinham de principiar para elle! A menina logo na manhã seguinte chamou-o ao seu quarto, e, como quem não pensa sequer no que vae dizer, fechou-se a sós com elle.

Depois, dissimulando sempre o seu proposito, foi olhar a todas as janellas, escutar a todas as portas, voltou a sentar-se no meio do quarto, chamou o pequeno para ao pé de si, e principiou, como se nada fosse, a brincar com elle.

Mas, apesar de pequenito, o meu Chiquinho não era tolo: percebeu ao que ella queria chegar, e disse com os seus botões: — Prudencia!

Depois de por alguns minutos gracejar de uma coisa e outra, a donzella disse de repente, e com o arzinho mais natural do mundo:

— Então, meu Chiquinho! já estou quasi boa, sabes? Já me dão por salva!

— Salva de que? perguntou o pequeno, com um olhar tão claro que ella ficou indecisa, e por momentos afastou a vista.

Mas, voltando logo á sua idéa fixa:

— Salva da doença! replicou. Salva da morte!

— A morte! exclamou Chiquinho! Quem é que pensou n'isso? Pois na edade da menina morre-se?

— Tua irmã Catharina tinha dezesete annos como eu. Já te esqueceste d'ella então?

— Oh! Não, de certo! Mas era uma pobre aldeã, que nunca foi tratada como a menina, nem a trouxeram para esta terra, nem nada!

— Ah! Percebes, visto isso, que se eu houvesse ficado lá em Giraldes, tinha morrido!

— Não é isso que eu digo!

— Mas, os medicos, os medicos, que lá me viram, disseram isso — eu bem ouvi!

— Como póde a menina sabel-o, se não houve tal coisa!?

— Vejamos, Chiquinho, vejamos! Pois que já não ha perigo, e que eu estou quasi boa — porque eu estou quasi boa, Chiquinho! — pódes confessar-me o que disseram lá em Giraldes. Que mal receias tu que isso me possa fazer? Vamos, sê franco, peço-te eu! Meu amiguinho, meu rico amiguinho, confessa-me a verdade, anda! Dar-me-has com isso uma grande alegria!

— Parece a menina querer que eu minta!

— Ensinaram-te a lição, bem se conhece! Promet-teste não fallar. Mas eu quero que falles, ouves? Quero eu!

— Nunca lhe desobedeci. Que póde querer que eu lhe diga?

— Tudo que observaste, tudo que ouviste.

— Em Giraldes?

— Sim; primeiro. Dize lá!

— Ouvi... que a menina já ia melhor, e que es-

tes ares d'aqui deviam restabelecel-a de todo. E depois partimos de lá, e ahi está tudo!

— Tudo? Pois sim! Mas quando eu aqui cheguei achei-me peior, e chamaram-se outros medicos.

— Podéra! O das Caldas mais o de Peniche, nem mesmo os de Lisboa, não estariam resolvidos a vir até cá!

— Estás um doutor. E, dize lá, o que disseram estes?



Exercito Persa

— Sabe-o tão bem como eu, porque nunca os vi senão quando a menina estava presente.

— Mas quando eu não estou presente conversam a meu respeito, com toda a liberdade, e estás tu presente. De uma criança não se desconfia... Deves ter ouvido muitas coisas!

— Nada mais que o que já lhe disse, menina.

— Percebo! É em segredo, é com mysterio que os facultativos fallam a meu pae!

— Nada! Nada!

— E depois de partirem, meu pae fica mais triste ainda.

— Ao contrario.

— Minha mãe esconde-se para chorar!

— Nunca! Nunca!

— Mentes, Chiquinho!

— Eu!

— Affirma-me que tudo isso é verdade!

— Minha menina...

— Jura-me pela memoria de tua irmã Catharina.

— Pela memoria de minha irmã Catharina, que está no ceo e que nos ouve, juro!

Perante esta affirmativa a donzella teve uma primeira hesitação. Uma lagrima lhe acudiu aos olhos. Encostou-se a Chiquinho, abrindo os braços; dir-se-hia ir abraçal-o.

Mas, erguendo-se de repente, e com um impeto de despeito e de colera:

— Não! exclamou impiedosamente, ella que de ordinario era tão suave e tão boa. Não! Enganas-me; tu, tu tambem! Da tua parte, é odioso! Vae-te! Não passas de um ingrato!

— Eu! gritou a criança exasperada. Eu! que a estimo tanto!

— Mentes! Mentes! Bem o vês, estás a fazer-te córado!

— Córado, porque me chama ingrato!

— Choras! Estás a chorar, tu?

— Estarei. Porque parece que já não gosta de mim! É má, é má! E eu não lhe mereço isso!

E o pobre pequeno, incitado por este longo martyrio, rompeu em soluços e em lagrimas.

D'esta vez a menina D. Eugenia não se pôde conter. A sua natureza excellente venceu-lhe a suggestão do medo; deixou-se cair de joelhos, apertou Chiquinho ao peito, cobriu-o de beijos, e pediu-lhe perdão mil vezes, chamando-lhe sempre irmão.

E parecia não duvidar já; feliz, e sorrindo, abraçára-se confiante á esperança de viver.

No dia immediato, e nos outros, os terrores e a incredulidade voltaram-lhe com o soffrimento e a febre. Interrogou outra vez Chiquinho, fez-lhe mil perguntas. Pobre criança! A sua vida tornára-se-lhe um supplicio.

Elle conservava-se firme, todavia; perseverava com energia no seu generoso silencio, e por vezes, a poder de discrição e de lagrimas, conseguia fazer-se acreditar da menina D. Eugenia, levar aos seus labios o sorriso, e ao seu coração a esperança.

Depois de uma d'essas scenas terriveis, em que o seu pobre coraçãosinho devia ser despedaçado, nem mais nem menos que um batel de encontro á rocha durante a tormenta, escrevia-nos elle:

«Tudo isto me custa muito, meus queridos paes; mas se a menina morrer, será ao menos sem dar por isso!»

Infelizmente, era bom tempo, mas devia ir cada vez a tornar-se mais raro. Muitas vezes, em logar de se animar como a flor ao sol, a infeliz donzella dobrava-se, murcha e gelada, como a pobre planta perdida debaixo de um ceo de inverno. A cabeça pendia-lhe para traz, sobre a longa cadeira em que estava sentada, ou, para dizer melhor, deitada. O seu olhar ia-se occultando nas palpebras já azuladas. Caiu n'um desfallecimento profundo, parecia dormir.

A criança respirava então em liberdade; juntava as mãosinhas para orar a Deus, agradecendo o dar-lhe força e coragem; aproximava-se devagarinho de sua irmã Eugenia, e contemplava-a em silencio com um olhar de ternura e piedade.

Mas, por vezes, quando elle se expandia assim, abria ella de repente os olhos. Aquelle somno não era mais que um laço. Tinha d'essas astucias, imaginando mil meios de soprender um segredo seguido com tanto empenho, e que a cada instante lhe fugia!

Assim se alterava o seu caracter cada vez mais. Affligiu-se, irritou-se, e, o que parecia impossivel, tornou-se má.

Toda a gente se affligiu por isto, e principalmente Chiquinho. Era a cada hora interrogatorios mysteriosos, e scenas de fazerem perder a cabeça: um supplicio moral, um verdadeiro martyrio!

E já depois não faziam as pazes como ao principio. Ella offendia-se da sua obstinação, e arredava-o para se retrair no seu mau humor, queixando-se elle em vão, e em vão supplicando e chorando, porque ella o repelia da sua presença.

— Fallarás, ou nunca mais te abraço, nunca mais gosto de ti, nunca mais me vês...

Oh! Chiquinho! Pobre Chiquinho, então é que tu deves ter sido infeliz! então sim!

E todavia, senhor, elle permanecia callado ainda.

Mas as ameaças de Eugenia, de sua irmã Eugenia, pareceram realisar-se. Ella chegou a tomar-lhe antipathia, aversão, odio. Um dia em fim, não o deixou entrar no seu quarto. Oh! pobre menina, já fôra preciso que ella padecesse bastante n'esse dia!

D'essa vez, Chiquinho sentiu que já não podia suster-se por mais tempo, e que ia revelar tudo.

(Continúa) JULIO CESAR MACHADO

JOSÉ JAMES FORRESTER

(Conclusão. Vid. pag. 351)

V

A uma vasta intelligencia e esmerada educação reunia Forrester uma alma nobre, e generosa, despida de vãos e mal entendidos preconceitos, encerrando no coração os sentimentos mais puros e elevados. O seguinte facto, passado ha pouco mais de anno e meio em sessão solemne da real sociedade Humanitaria, na occasião em que se distribuiam os premios á coragem benemerita, á verdadeira humanidade, bastará para provar que não somos exaggerados nos elogios que tecemos á nobreza da sua alma, á grandeza de seu coração.

Ouçamos o sr. A. Luciano no optimo artigo que dedicou ao barão de Forrester no jornal do Porto *«O Diario Mercantil»*.

«Commovia o ver, no fundo da sala municipal, além dos veludos e *moirés* do mais distincto e bello sexo, a veste grosseira do pobre, que, pobre de oiro, a sociedade alli o proclamava mais rico do que os ricos em abnegação e bizarria. Nas cadeiras dos agraciados sentava-se uma robusta mulher do campo. O secretario da sociedade, no relatorio, narrára o acto de heroismo que lhe concedêra aquelle logar honroso. O seu braço nervoso salvára uma vida que se debatia já nos ultimos trances, prestes a submergir-se. Chegou a vez do premio. Ao cair da medalha honorifica sobre aquelle peito, em que batia um coração de mulher, ao repetir o feito valoroso e sublime, o barão de Forrester enthusiasmou-se a tal ponto no seu logar de director, que não pôde deixar de dar algumas palmas fervorosas, e exclamar alvoroçado: bravo!

«Só experimentando-o se concebe o effeito d'esta intima expansão. Parece que o barão de Forrester adivinhára instantaneamente a commoção que lavrava em todos os que nos achavamos no recinto. A sua voz não podia ser melhor interprete nosso. É que a roseta verde e branca [1], no peito do barão de Forrester, não representava uma insignia vã e pueril, mas sim o verdadeiro symbolo da sociedade Humanitaria.

«Em summa, n'aquelle peito havia um coração de escocez!»

E um coração caritativo, amigo dos desgraçados! Esmoler sem ostentação, empregava a caridade com

[1] Distinctivo dos membros da direcção da real sociedade Humanitaria.

todo o recato e modestia, o que tornava dobradamente valioso o beneficio. É porque elle bem comprehendia, que a beneficencia tem necessidade da sombra do mysterio para embriagar a alma de seus mais doces favores. Soccorria muitos desgraçados, muitas familias desvalidas, não se envergonhando de os sentar muitas vezes á sua mesa, prodigalisando-lhes as attenções devidas a um hospede considerado.

Quando a molestia das vinhas se desenvolveu no Douro, muitos povos d'este paiz passaram por grandes privações e necessidades, porque não achando trabalho para ganharem o pão quotidiano, faltando-lhes o necessario para acudirem ás primeiras necessidades da vida, quasi que falleciam de mingoa e desamparo. O humano Forrester não pôde ser indifferente a esta calamidade, e tratou logo de a suavisar tanto quanto cabia em suas forças. Á sua custa estabeleceu na povoação de Porto-Manço uma abundante e nutritiva sopa economica para os habitantes d'aquelle local, provendo egualmente de roupa aos que d'ella estavam mais necessitados. Quando o philanthropo estrangeiro não houvesse praticado outros rasgos de caridade, este só era de sobejo para perpetuar a sua memoria, e tornar sentida a sua falta.

VI

Os grandes beneficios fazem os grandes ingratos, e o Douro não quiz desmentir esta triste e pungente verdade.

Insaciavel e voraz, o Douro não se esqueceu que José James Forrester fôra um dos cidadãos que, depois do lamentavel naufragio do vapor «*Porto*» (29 de março de 1852), mais solemnemente protestára contra elle. Ingrato e desagradecido, esquecendo os beneficios recebidos, foi implacavel e terrivel a sua vingança, e tão avaro e cruel se mostrou, que não satisfeito com dar a morte ao seu maior bemfeitor, nem ao menos o corpo quiz restituir a seus filhos, e a seus amigos, para o contemplarem mais uma vez, e darem-lhe o verdadeiro adeus!

Era o dia 12 de maio de 1861. [1]

O barão de Forrester tendo passado alguns dias na agradavel companhia de uma escolhida sociedade de amigos, reunidos na magnifica quinta do Vesuvio, no Alto-Douro, regressava á Regoa, pelo rio, na companhia do conde d'Azambuja, e outras pessoas da sua amizade. Já estavam vencidos os arriscados pontos das «Figueiras», da «Teja», de «Arnorello» e muitos outros. Chegando porém ao perigosissimo ponto do «Cachão», quiz a fatalidade que a fragil barquinha em que vinham, fosse de encontro a uma fraga que a ultima cheia havia deslocado, e atirado para o meio do rio. O choque foi violento, desfazendo-se logo a embarcação, e antes que houvesse tempo de se attender ao perigo, muitas vidas estiveram arriscadissimas.

Todos se salvaram milagrosamente, á excepção do barão de Forrester, uma criada, e um empregado do contracto do Tabaco. Ao principio disse-se que quando o Forrester nadava para terra, um pau impellido pela corrente lhe batêra na cabeça, e atordoando-o, o arrojára ao fundo! Mais tarde verificou-se que não se déra esta circunstancia; e que a sua morte foi devida a ter-se envolvido na corrente, que era violenta por causa do volume da agua que o rio então levava, enchendo-se-lhes umas grandes botas de montar que trazia calçadas, cujo peso o arrastou para o abysmo onde a sua má estrella lhe abriu a sepultura!

Fatal coincidencia! Ao barão de Forrester passaria alguma vez pela mente a lembrança de que debuxando o ponto do «Cachão» para illustrar o seu mappa denominado o «Douro portuguez, e o paiz adjacente», perpetuava o seu nome e o seu tumulo?...

O corpo não tornou a ser visto. Pozeram-se immediatamente em pratica todos os meios que humanamente se podiam empregar para encontrar o cadaver; mas apesar de todos os esforços e acertadas providencias do seu particular e dedicado amigo, o sr. Francisco José Coutinho, e outros cavalheiros, auxiliados com o trabalho de dois mergulhadores, que de proposito desceram ao local do temivel ponto do Cachão, não foi possivel encontral-o, o que augmentou a consternação geral.

A sua morte, revestida de tão lúgubres circunstancias, foi por todos sentida e lastimada, tanto no Douro como no Porto, onde era popularissimo, pelas suas altas qualidades e vastos conhecimentos. Muitas damas e cavalheiros sollicitaram o seu retrato como a ultima lembrança d'este incançavel lavrador do Douro.

As bandeiras meio abatidas que pendiam das associações Commercial e Britannica, eram a traducção do justo sentimento de que estava possuido todo o corpo commercial da segunda capital do reino. A camara municipal da Regoa, não se esquecendo de quanto o Douro devia a este homem, interprete do paiz vinhateiro, conscia da sua dignidade e dever, dirigiu uma carta aos filhos do nobre naufrago, e outra ao embaixador inglez junto á nossa côrte, dando-lhes um publico testimunho do grande apreço em que o fallecido era tido, e patenteando-lhes a profunda magoa que sentiam com tão lamentavel e irremediavel perda; do que lavraram a competente acta, tornando-se digna dos maiores elogios a municipalidade da capital do paiz vinicola, traduzindo por este honroso acto o sentimento dos seus administrados, e de todo o paiz do Douro.

Escrevemos simplesmente a biographia do infeliz barão de Forrester. Se o nosso trabalho fosse mais longe, e commentassemos todas as considerações que tão lamentavel desastre nos desperta, graves e bem merecidas censuras teriamos de fazer aos presentes e preteritos, pela inacção e esquecimento com que se tem olhado para o rio Douro, e para o paiz que d'elle tomou o nome.

Temos sido surdos aos avisos da Providencia!

Não bastam estes choques para sairmos da ignavia a que parece estamos condemnados. Dir-se-ha que entre nós está extincto o sentimento de humanidade, cujas leis infringimos, por não termos feito todo o bem que podiamos.

Quando se aponta o perigo, olha-se de través para quem nol-o indica, e em ar de mófa rimos do importuno: occorre porém a desgraça juntando novas victimas ás passadas, a perdas incalculaveis outras perdas, e então de tropel chovem as providencias, os projectos, os desejos de melhoramentos. É um diluvio! Mais tarde, dissipada a primeira impressão da catastrophe, cessa a torrente, acaba o afan!

Tudo se olvida, fallecem vontade e bons desejos, desapparece essa ephemera actividade que despertou por momentos, deslembram-se as victimas, adiam-se os projectos e os melhoramentos, descoroçoa-se, e tudo cáe no *statu quo*, na apathia, no abandono, e — o que é mais triste, mais vergonhoso, mais reprehensivel — no esquecimento!

VII

Todo o homem de merecimento e de genio tem os seus zoilos, ou invejosos, que o perseguem até á borda da sepultura. Forrester não podia portanto dei-

[1] O mez de maio era assignalado para o barão de Forrester. Foi este o mez em que nasceu, em que chegou a Portugal, em que casou, e em que morreu desastrosamente.

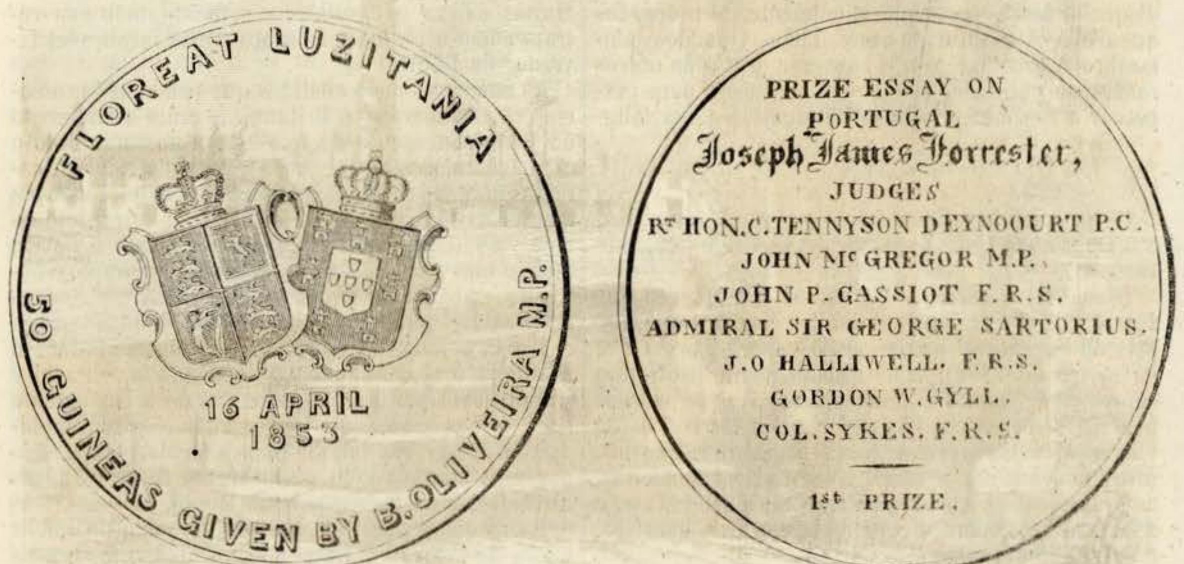
xar de os ter. Parece que um cavalheiro com os predicados que elle possuia, só teria amigos e admiradores, mas infelizmente não acontecia assim. Era homem, e tanto bastava para ter defeitos e erros; mas esses erros e defeitos deviam ser-lhe perdoados, em attenção ás excellentes qualidades que o adornavam, e que o collocavam muito acima dos seus detractores, que ignorantes e dominados pelo ciume, ou pela inveja, querendo deprimir-lhe o merito, engrandeciam cada vez mais o valor do invejado. Mas Forrester soube triumphar sempre de seus inimigos, lançando as injurias ao desprezo, e congratulando-se até com a inveja que despertava, porque elle bem sabia, que tão vil e vergonhosa paixão era uma homenagem, inconsiderada, que a mediocridade prestava ao seu merecimento.

Forrester era de trato franco, polido e extremamente delicado para com todos: a sua conversação era espirituosa, agradavel e instructiva.

Deixou seis filhos, aos quaes deu uma esmerada educação. Quatro d'elles, varões, e associados de seu pae, ficaram representando a sua acreditada e bem conhecida casa commercial estabelecida no Porto, e que acaba de ser liquidada.

Em julho de 1860, Forrester empregou todos os esforços para que o projecto de lei que se discutia na camara dos deputados, sobre a liberdade de vinhos, não acarretasse de *improviso* sérias desgraças ao Douro, e aos possuidores de vinhos que tinham feito as suas transacções á sombra de lei vigente, escrevendo sobre o assumpto, e n'este sentido, uma carta ao excellentissimo sr. marquez de Loulé, presidente do conselho de ministros.

Alem dos trabalhos artisticos e litterarios já enun-



Medalha de oiro cunhada expressamente para premiar a obra do barão de Forrester, intitulada: *Prize essay on Portugal*

ciados, Forrester escreveu tambem «Algumas considerações sobre docas e ancoradouros no Porto.» Tirou retratos a muitos cavalheiros da sua amizade, e entre elles os dos excellentissimos srs. duque de Saldanha e barão de Setubal. Ao seu fiel *crayon* deve tambem o Porto muitos dos seus mais lindos panoramas, concorrendo muito para que esta terra se tornasse conhecida dentro e fóra do paiz, e auxiliando não pouco o nosso jornalismo litterario, que nos trabalhos de Forrester achou grande peculio para as suas illustrações.

Manejava a lingua franceza tão perfeita e facilmente como a sua.

Elle, e os fallecidos Diogo Kopke, que muito o auxiliou nos seus trabalhos, e A. Roquemont, distincto pintor francez, foram os que, por esforços incriveis, e só proprios d'homens corajosos, chegaram em 8 de novembro de 1841 ao ponto do «salto da Sardinha», no rio Douro, onde nunca barco algum pôde chegar, e no cume do penedo deixaram uma inscripção dentro de uma garrafa, á maneira dos navegantes, para attestar este temerario *feito nunca feito*.

Um grande vulto contemporaneo do nosso paiz, e que ao presente se acha no leito da dor, o excellentissimo sr. Passos (Manuel), escrevendo a um amigo de Forrester, ao saber da sua morte, dizia:

«Forrester era um dos mais dignos homens do Reino-Unido, e que mesmo do coração amava Portugal como se este paiz fosse a sua verdadeira patria.»

Outra pessoa tambem auctorisada, fallando de Forrester, disse mui conscia e verdadeiramente — «Como elle não teremos cá outro.»

VIII

Vamos terminar.

N'esta mal esboçada biographia quizemos pagar uma divida de que era credora a memoria do barão de Forrester; consignar, se não todas, pelo menos as mais proeminentes qualidades do intelligente negociante e agricultor, e patentear os relevantes serviços prestados ao nosso paiz por um dedicado e benemerito estrangeiro, mas que era mais portuguez que muitos portuguezes, que alardeando patriotismo e nacionalidade, nada fazem em prol da sua patria; ao contrario, renegal-a-hão pelo primeiro o prato de lentilhas que se lhes dê...

José James Forrester, barão de Forrester, tem jus a uma biographia mais desenvolvida e acabada. Oxalá que pessoa mais competente e habilitada do que nós, se incumba d'esta honrosa tarefa, não só para engrandecer a memoria de um homem illustre, como para fazer esquecer este imperfeito e mesquinho trabalho, saído da humilde e rude penna do obscuro biographo

A. M. LEORNE.